



Construções sociais e saúde das mulheres: O poder do Complexo de Cinderela

Social constructions and women's health: The power of the Cinderella Complex

Construcciones sociales y salud de las mujeres: el poder del complejo de Cenicienta

Layne Martins Ferraz¹

¹ Bacharel em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
<https://orcid.org/0009-0008-2086-3600>
<http://lattes.cnpq.br/6345548489494542>
laynemartinsferraz@outlook.com

RESUMO:

A subjetividade dos indivíduos é construída desde a infância, a qual se baseia, principalmente, nas acepções sociais que os rodeiam. Nesse sentido, é lógico afirmar que os contos de fada, comumente presentes na vida desses sujeitos, permeiam os processos de edificação do indivíduo, logo, exercem grande papel social na medida em que refletem inclinações sociais e influência no desenvolvimento infantil. A partir dessa afirmativa, o presente artigo buscou compreender de que forma o conto da Cinderela repercute na saúde das mulheres, alicerçado no escrito “Complexo de Cinderela” de Colette Dowling (1981). A pesquisa foi realizada mediante uma análise documental sob a perspectiva do conceito do Complexo de Cinderela, presente no livro de mesmo nome, acima citado, a partir da coleta de dados junto a duas redes sociais, através de palavras-chave e hashtags, durante um intervalo de sete dias. Por fim, foi possível identificar, a partir dos dados coletados no estudo, algumas das estratégias através das quais o referido complexo atua na saúde das mulheres. A temática requer especial atenção das pessoas, de maneira geral, mas também das autoridades sanitárias que deveriam propor ações de Educação e Promoção em Saúde que permitissem às mulheres vislumbrar outras possibilidades de vida, para além daquelas promovidas com o interesse de docilizar-las.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; educação em saúde; iniquidade de gênero; feminismo; iniquidades em saúde.

ABSTRACT:

The subjectivity of individuals is built from childhood, which is based mainly on the social meanings that surround them. In this sense, it is logical to affirm that fairy tales, commonly present in the lives of these subjects, permeate the processes of edification of the individual. Therefore, they play a great social role as far as they reflect social inclinations and influence on child development. Based on this statement, this article sought to understand how the tale of Cinderella has repercussions on women's health, based on the writing “Cinderella Complex” by Colette Dowling (1981). The research was conducted through a documentary analysis from the perspective of the Cinderella Complex concept, present in the book with the same name mentioned above, from the collection of data from two social networks, through keywords and hashtags, over seven days. Finally, it was possible to identify, from the data collected in the study, some strategies through which this complex affects women's health. The theme requires special attention from people, in general, but also from health authorities who should propose Health Education and Promotion actions that would allow women to glimpse other life possibilities, in addition to those promoted with the interest of making them docile.

Keywords: child development; health education; gender iniquity; feminism; health iniquities.

RESUMEN:

La subjetividad de los individuos se construye desde la infancia, fundamentada principalmente en los significados sociales que los rodean. En este sentido, es lógico afirmar que los cuentos de hadas, comúnmente presentes en la vida de estos sujetos, permean los procesos de construcción del individuo, por lo que desempeñan un gran papel social en la medida que reflejan inclinaciones sociales e influyen en el desarrollo infantil. A partir de esta afirmación, este artículo buscó comprender cómo repercute el cuento de La Cenicienta en la salud de las mujeres, fundamentado en el escrito “El complejo de Cenicienta” de Colette Dowling (1981). La investigación se realizó a través de un análisis documental desde la perspectiva del concepto del complejo de Cenicienta, presente en el libro del mismo nombre mencionado anteriormente, a partir de la recolección de datos de dos redes sociales, a través de palabras clave y etiquetas, durante un intervalo de siete días. Finalmente se logró identificar, a partir de los datos recolectados en el estudio, algunas de las estrategias a través de las cuales el mencionado complejo afecta la salud de las mujeres. El tema requiere atención especial por parte de las personas, de manera general, pero también de las autoridades sanitarias que deberían proponer acciones de educación y promoción de la salud que permitan a las mujeres vislumbrar otras posibilidades de vida, además de aquellas promovidas con el interés de hacerlas más dóciles.

Palabras clave: desarrollo infantil; educación en salud; inequidad de género; feminismo; inequidades en salud.

INTRODUÇÃO

Os contos de fada^a têm importante papel social na medida em que refletem as inclinações sociais e exercem grande influência no desenvolvimento infantil e na construção da subjetividade do indivíduo. Vale ressaltar que esses são utilizados como instrumentos que auxiliam na educação da criança, fazendo parte da formação do sujeito e criando a ideia de que se deve ter esperança em relação ao êxito das ocasiões.

De modo concomitante, os contos em questão auxiliam na manutenção da desigualdade de gênero, estabelecendo, em suas histórias mais comumente abordadas, hierarquia de gênero, arquétipos femininos, superioridade masculina e outras problemáticas refutáveis.

Dentre os contos mais conhecidos, pode-se citar “Cinderela”. Apesar das diversas versões que foram criadas sobre a história de Cinderela, a mais conhecida é aquela que relata a vida de uma jovem órfã de pai e mãe que, após a morte de seu pai, passa a ser criada pela madrasta, a qual possuía duas outras filhas. As três passam o decorrer da história humilhando Cinderela e a fazendo de serviçal em todas as atividades domésticas.

A problemática da história começa a partir disso, uma vez que Cinderela realiza todos os afazeres domésticos com muito primor, domesticidade e obediência, de forma a naturalizar que lugar de mulher é em casa. O rumo do conto se altera quando a protagonista encontra um príncipe pelo qual se apaixona. Com o auxílio de uma fada madrinha, Cinderela ganha vestimentas elegantes, como o famoso sapatinho de cristal, e uma carruagem que a conduz até o baile.

O conto termina com a transformação da vida de Cinderela ao viver sua história de amor com o príncipe, o qual a liberta da vida que tinha com a madrasta. Esse é um dos contos mais memoráveis para a maioria das crianças, mas se trata, na realidade, de uma história que representa um arquétipo feminino, reiterando a ideia de que a mulher foi criada sob a crença de que sua felicidade depende única e exclusivamente de um homem que lhe ofereça uma vida feliz, ademais dos marcos deixados

a Contos de fadas são histórias comuns com origem no folclore oral de tempos remotos. São curtas e se passam em um mundo belo e fantasioso, com personagens fantásticos, tais como fadas, magos, dragões e etc.



na socialização do sujeito mulher.

Tomando como base o conto da Cinderela, a pesquisadora Colette Dowling, em 1981, estudou e constatou o medo que a maior parte das mulheres têm em relação à própria independência. Dowling é uma escritora branca norte-americana, a qual nasceu em 1938, foi criada em Baltimore/Maryland, e formou-se no Trinity College em Washington, DC, em 1958.

A escritora publicou, no total, oito livros, mas se tornou conhecida pelo livro “Complexo de Cinderela”, best-seller internacional traduzido para 23 idiomas. A base de pesquisa da obra de Dowling (1981) são mulheres brancas, norte-americanas, de classe média e classe média alta, sendo assim, a obra não traz nenhum recorte racial e não se aplica da mesma maneira à realidade de todas as mulheres existentes.

A partir disso, Dowling (1981) afirma que essas mulheres, objetos de seu estudo, possuem em seu inconsciente o desejo de serem cuidadas o tempo todo, de forma a ignorar suas próprias vontades e gostos, tratando, por consequência, a independência como ameaça, denominando esse fenômeno como *Complexo de Cinderela*. Como reitera Xavier (2022), a obediência extrai a autoconfiança, a domesticidade limita a potência criativa e produtiva e as performances de feminilidade minam a autoestima.

O objetivo desta pesquisa foi compreender de que forma o *Complexo de Cinderela*, inicialmente conceituado por Dowling (1981), influencia na saúde das mulheres. O conceito de saúde norteador desse estudo se baseou não apenas na definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), revisada em 1998, “estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social, e não meramente a ausência de doença ou enfermidades” (Freire; Salgado, 2015), mas também nas ideias de Antonovsky (1987) e Engel (1977), que argumentam a favor de uma abordagem mais holística desse tema, passando a considerar no processo de compreensão da saúde não só os aspectos biológicos, mas principalmente os fatores psicológicos e sociais (Antonovsky, 1987; Engel, 1977).

Ao trabalhar dentro do campo da Saúde Coletiva, este estudo reconhece os determinantes sociais em saúde, fatores sociais que carecem de atenção para entender e abordar as disparidades da saúde (Bourdieu, 1986), e visa destacar a relação do *Complexo de Cinderela* com as categorias de raça, classe e gênero.

Contexto Inspirador

O *Complexo de Cinderela* se trata de uma condição psicológica na qual o sujeito mulher desenvolve o medo inconsciente da independência e atrela sua segurança e salvação a um homem. As crenças produzidas por este *Complexo* se mostram inadequadas, machistas e extremamente limitantes e fazem com que as mulheres se encontrem em um estado estático de frustração constantemente, isso por estarem inseridas em um contexto de inferioridade em relação aos homens.

O que os estudos de Dowling (1981) apontam é que educar as mulheres exclusivamente com



esse intuito não é saudável para elas. Mulheres e homens são seres com dignidade e requerem direitos, oportunidades e liberdades equivalentes, entretanto, ainda hoje, passados mais de quatro décadas desde o lançamento do livro de Dowling (1981), mulheres ainda não são criadas para a liberdade, mas sim para a dependência e obediência.

A condição psicológica em questão resulta em mulheres que acreditam não possuir alternativas, além dos cuidados domésticos, e que sua felicidade está vinculada ao matrimônio heteronormativo. O *Complexo* tem sua origem na infância, afinal, meninas são criadas sob a ideia de que, em algum momento, serão salvas pelo príncipe encantado, seja ele quem for, rumo à felicidade e que, por esse motivo, devem estar sempre esperando, mantendo a ideia de que a felicidade não pode ser obtida por conta própria (Beneton, 2013).

A perpetuação dessa ideia transforma-se em mulheres que deixam de acreditar que podem ser felizes por si só, independentemente da presença e dependência de um homem, de forma a perder sua autodeterminação. Essa percepção de que mulheres são e devem ser dependentes faz com que muitas se encontrem em situação de vulnerabilidade dentro de relacionamentos abusivos, insatisfatórios e, até, violentos.

Dentro do contexto de violência contra a mulher, é importante fazer ressalva a alguns tipos de crueldade comumente vistos nesse cenário. Dentre eles está a violência física, conhecida por demasiada parte do senso comum, que é caracterizada pela utilização da força física, por exemplo, através de socos, empurrões, submissões físicas, ferimentos com objetos e etc. A violência psicológica, muitas vezes subestimada por não apresentar lesão corporal visível, é identificada através de opressões psicológicas, como ameaças, humilhações e intimidações.

Já a violência moral, é cometida através da opressão e/ou exposição da vítima em questão, seja por difamações, chantagens e/ou calúnias, e a violência sexual se trata da imposição de cunho sexual sem consentimento, ou seja, dentro desse espectro se encaixam os abusos, assédios, exposições da ou à nudez, estupros e etc. (Menezes, 2022).

Por fim, também existe a violência patrimonial, que, conforme o artigo 7º, da lei Maria da Penha (Brasil, 2006), trata-se de feitos que resultam no dano direto à bens ou a possibilidade de controle desses por aquele que possui direito sobre os próprios, o que engloba a violência econômica, por exemplo, no contexto de retenção de bens ou capital, impondo a dependência econômica da vítima àquele que toma posse de seus recursos.

Seguindo, o *Complexo* passa a ideia de que a mulher não precisa de si própria para alcançar seus objetivos, mas sim dos outros (Alves; Zandonadi, 2017), o que se relaciona diretamente com a Síndrome da Impostora, por exemplo, a qual foi reconhecida por duas psicoterapeutas norte-americanas no final do ano de 1970. A síndrome referida acomete majoritariamente mulheres e é caracterizada pela autossabotagem e carência de confiança na própria competência e capacidade, resultando em mulheres que possuem uma perspectiva negativa de si mesmas e de seus feitos, fortalecendo a lógica



do demérito.

O *Complexo de Cinderela* tem interferência negativa na autoestima das mulheres e, muitas vezes isso reflete em suas vidas profissionais e resulta na permanência de mulheres em cargos com pouca expressividade nas empresas (Dowling, 1981). Geralmente, tal decisão (ou imposição) está relacionada à crença de que, em cargos subalternos, serão melhor cuidadas.

Da mesma maneira, de acordo com dados da União Interparlamentar, em 2016, as mulheres no mundo eram 22,6% dos representantes do povo no Poder Legislativo, uma porcentagem já expressivamente baixa, sendo que, no Brasil, eram apenas 8,6% do Poder Legislativo (Jade, 2022).

Em 2022, foram eleitas para cargos legislativos, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (Brasil, 2022), 302 mulheres, o que equivale a 17,8% dos eleitos no geral. Desses 17,8%, apenas 36% são mulheres não brancas, sendo 4% indígenas e 32% negras. Dessa forma, é possível e necessário identificar o *Complexo de Cinderela* nas mais diversas situações e suas respectivas consequências no bem-estar social das mulheres, no Brasil e no mundo, de maneira a reconhecer as heterogeneidades que compõem esse segmento populacional.

Ao longo da história, mulheres pretas foram marginalizadas e subestimadas. Dentro desse cenário, ao afirmar que o *Complexo* influi na existência e saúde das mulheres, é fundamental reconhecer que, no contexto das mulheres pretas, essa dinâmica é ainda mais complexa, pois se correlaciona a iniquidades históricas, sociais e culturais. Trazer a interseccionalidade para dentro das discussões sobre gênero é essencial para que mulheres pretas deixem de ser marginalizadas também dentro dessas pautas e passem a serem vistas, ouvidas e compreendidas para além da lente do sexismo (Hooks, 2019).

É incoerente esperar que mulheres estejam em cargos de liderança, ou exerçam grande representatividade, se essas são criadas e ensinadas a serem dependentes, prendadas domesticamente e tolerantes, para além de, quando inseridas no mercado de trabalho, se encontrarem dentro de um ambiente misógino e racista. É fácil entender o receio dessas em se tornarem indivíduos independentes e autossuficientes ao pensar que cresceram ouvindo histórias de princesas que a todo momento são salvas pelo príncipe encantado e tem sua vida mudada para melhor, sem a necessidade de fazerem algo para além de esperar, ou que sua existência está fora dos padrões de beleza e sucesso.

Falando em beleza, o padrão estético estabelecido é um padrão de beleza europeu que se deu de maneira violenta em alguns países, principalmente no Brasil, que iniciou um processo de escravidão no início do século XVI. As conjunturas que envolvem a construção da supremacia branca, exemplificada nos contos de fadas, resultam no menosprezo em relação à população negra, o que intensifica, por exemplo, o desenvolvimento da dependência emocional, dentro de relacionamentos afetivos envolvendo mulheres negras, já que “encontrar o amor” em uma sociedade racista, para elas, é mais fatigante. Se o padrão de beleza é inalcançável por si só e segue frustrando até mesmo mulheres que vão de encontro a esse, é lógico afirmar a complexidade que sua incidência tem sobre mulheres pretas



e/ou de classe econômica baixa, o que também diz muito sobre o controle de mulheres por meio da influência no destino de suas rendas e o custo do padrão estético ideal.

A crença da necessidade de dependência de um homem, observada em mulheres que sofrem do *Complexo de Cinderela*, aborda muitas questões de gênero, que se relacionam com fatores de raça e classe, os quais precisam urgentemente se tornarem ponto focal das discussões em saúde, pois tem atuação direta na (sobre)vivência das mulheres, a exemplo da maior suscetibilidade da população feminina a violência em decorrência do seu gênero (Escorsim, 2014).

METODOLOGIA

Esse é um estudo exploratório que se deu a partir de uma análise documental sob a perspectiva do conceito do *Complexo de Cinderela*, presente no livro “Complexo de Cinderela - Edição comemorativa de 40 anos: Desenvolvendo o medo inconsciente da independência feminina”, de Dowling (1981). A coleta de dados foi feita de forma manual a partir da pesquisa por palavras chaves e *hashtags* em duas redes sociais, *Instagram*^b e *Twitter*^c, durante um intervalo de sete dias, entre os dias 2 e 8 de junho de 2022.

As palavras-chave foram escolhidas pela pesquisadora com base nos temas que se relacionassem com o *Complexo*, os quais foram identificados a partir da leitura do livro de referência. Foi realizado um brainstorming durante aproximadamente duas horas e todas as palavras que surgiram foram colocadas em um papel de forma aleatória.

Após, através de uma ferramenta de priorização, que evidenciava quais as temáticas mais relevantes para o campo da Saúde Coletiva, foram selecionadas dezenove palavras-chave, sendo essas: Complexo de Cinderela; papéis de gênero; dependência feminina; liderança feminina; contos de fada; dependência financeira; dependência emocional; relacionamento abusivo; relações de gênero; violência doméstica; violência psicológica; discrepância salarial; mulheres no mercado de trabalho; síndrome da impostora; padrão de beleza; equiparação salarial; autodepreciação; patriarcado; e protagonismo feminino.

A matriz de priorização utilizada considerou os seguintes critérios: volume de resultados possíveis, alcance máximo de pessoas afetadas e importância nos processos de saúde. Definiu-se uma pontuação de 1 a 3 para cada um dos critérios e a soma das pontuações resultava no grau de importância da palavra-chave. Foram selecionadas as palavras que obtiveram resultado da soma igual ou maior que 7. A coleta de dados não fez distinção de característica alguma por parte da autoria desses e priorizou resultados que dispunham de maior viabilidade de análise e associação ao *Complexo*.

Os dados obtidos através da pesquisa pelas palavras-chave foram separados em seis categorias, para facilitar a análise dos resultados, sendo elas: Complexo de Cinderela; Papéis de gênero; Mercado de trabalho; Relacionamento abusivo; Síndrome da impostora; e Libertação.

b Disponível em: <https://www.instagram.com>

c Disponível em: <https://twitter.com>



A pesquisa foi feita através de janelas anônimas, entretanto, ressalta-se que, mesmo através de buscas anônimas, há a possibilidade de interferência do algoritmo, uma vez que, os algoritmos estão presentes no cotidiano de maioritária parte dos indivíduos e é necessário um conhecimento muito aprofundado sobre esse para que se possa realizar uma pesquisa sem sua interferência. Por tratar-se de pesquisa documental e em base de dados públicos está dispensada a avaliação prévia por um Comitê de Ética em Pesquisa conforme o disposto nas resoluções CNS/CONEP nº 510/16 e 674/22.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, os resultados da pesquisa foram meticulosamente organizados em uma planilha^d, incorporando detalhes sobre a rede social de publicação, a categoria correspondente (conforme as seis indicadas na metodologia), a data de publicação e o link de acesso para referência adicional.

É importante ressaltar que essa planilha serve como um recurso suplementar, proporcionando aos interessados uma visão mais aprofundada dos dados coletados. No entanto, a análise e discussão integral dos achados estão incorporadas neste artigo, eliminando a necessidade de acessar a planilha para compreender as conclusões e reflexões apresentadas. A seguir, são detalhados os principais temas identificados, proporcionando uma visão abrangente e acessível das tendências observadas nas publicações coletadas.

Obediência e Domesticação

Reforçando que os contos de fada têm influência incontestável na construção da subjetividade do indivíduo, na medida em que pertencem ao processo de socialização e, por sua vez, ensinam as meninas, espectadoras ou não, a seguirem no caminho da obediência, domesticidade e feminilidade, faz-se necessário ressaltar o universo de Cinderela, a personagem que, em diversas situações durante sua trajetória, posterga infinitamente seus desejos, enquanto indivíduo, em nome da obediência.

Com base nos dados coletados, torna-se evidente que a representação da alegria e contentamento de Cinderela ao realizar as atividades domésticas contribui de maneira explícita para a naturalização da ideia de que o ‘lugar de mulher é em casa’. Além disso, essa narrativa sugere que, para ser considerada uma mulher ‘boa’, todo e qualquer indivíduo do sexo feminino, sem exceção, deveria desempenhar todas as tarefas domésticas sem questionar ou contestar.

A ideia de abdicação das vontades próprias também se aplica a outras esferas da convivência, nas quais mulheres não conseguem dizer “não”, pois foram ensinadas a serem boas e abdicarem de suas vontades (Xavier, 2022).

Padrão de beleza

Cinderela emerge como uma figura que reforça um padrão de beleza questionável e alinhado
^d Em respeito ao Movimento da Ciência Aberta, os dados estão disponíveis em: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/e/2PACX-1vQfJtpugXtpk8HMqzIxRc8-gxbpJnF0pVrqJ-LS9-9jet2CsYp-TYpa-kM9Dp09KCV2k8UcDhIfXx/pubhtml>



ao estereótipo europeu. Esse modelo, amplamente debatido por diversos movimentos sociais, levanta inquietações, uma vez que a concepção de “beleza” é subjetiva e deveria ser uma apreciação pessoal. A intensa enfatização do padrão branco europeu frequentemente resulta em gastos excessivos com estética e dietas, já que muitas mulheres buscam atender a esse padrão para restaurar a autoestima associada à aparência (Pimenta, 2007), já que, atualmente, a beleza seria um atributo restrito a determinadas mulheres.

Uma consequência evidente desse padrão de beleza, conforme refletido nos dados coletados, é a revelação feita pela atriz Débora Secco. Mesmo estando, em grande parte, alinhada ao padrão predominante, ela compartilhou a experiência de ter recorrido a medicamentos para emagrecer dos 15 anos até um ano após o nascimento de sua filha, totalizando aproximadamente vinte e dois anos. Esse relato destaca como até mesmo mulheres que aparentemente atendem ao padrão podem ser impactadas pela cultura que impõe a ideia de que a verdadeira beleza é alcançada apenas quando se enquadram nos limites restritivos do padrão estabelecido.

Nas demais publicações examinadas, um cenário semelhante se revela, proporcionando uma análise aprofundada sobre a persistência da beleza padronizada. Essas publicações apresentam exemplos de mulheres notáveis que, ao alcançarem maior poder aquisitivo, optaram por submeter-se a diversos procedimentos estéticos, buscando alinhar-se ao conceito convencional de beleza.

Este fenômeno é particularmente elucidativo ao se considerar uma mensagem irônica, amplamente disseminada na internet, que postula que mulheres não são consideradas feias, mas, ironicamente, pobres. Essa mensagem, que viralizou, destaca a objetificação das mulheres ao associar sua atratividade a um status financeiro, evidenciando como são precificadas e valorizadas com base em padrões estéticos. Essas reflexões sublinham a complexidade da questão da beleza na sociedade contemporânea, onde as mulheres são influenciadas a buscar constantemente uma conformidade com padrões muitas vezes inatingíveis.

Além disso, é relevante destacar que, ao se tornar uma meta, que permeia grande parte da existência das mulheres, alcançar o padrão de beleza estabelecido, exemplificado por Cinderela, as conduz a situações de grande perigo, indo além das consequências da insatisfação compulsiva e da associação do corpo à felicidade na saúde mental dessas mulheres.

Correlação de existências

Em uma perspectiva alternativa, alguns resultados suscitam reflexões sobre a concepção de que as mulheres foram moldadas com a premissa de que são uma extensão de outra pessoa, frequentemente um homem. Isso sugere que a existência feminina não é independente, sendo supostamente vinculada à responsabilidade por proteção, sustento e felicidade, muitas vezes associada ao casamento. Não surpreende, dado que, durante a maior parte do século XIX, a identidade e/ou existência jurídica da mulher estavam intrinsecamente ligadas ao matrimônio, incorporando-a na existência jurídica



do marido, percebido como seu protetor e provedor (Zirbel, 2016).

No entanto, essa premissa não deve ser considerada como verdadeira, pois a compreensão atual ressalta que a liberdade é não apenas possível, mas necessária. A dificuldade em alcançá-la reside no medo inconsciente do despreparo para lidar com as implicações que ela acarreta. Esse medo tem origem na educação das mulheres, que foram instruídas e treinadas a evitar desafios, permanecendo em ambientes teoricamente seguros, onde estariam protegidas.

Tais medos estão intrinsecamente relacionados a situações que envolvem um perfil psicológico específico e uma construção social histórica permeada por papéis de gênero, sentimentos de desamparo e, conseqüentemente, uma autopercepção de incapacidade (Silva; Trenhago, 2014). Essa abordagem na criação difere significativamente daquela destinada aos homens, os quais são ensinados, desde o nascimento, sobre a importância da independência e coragem.

Independência

Algumas das publicações analisadas fazem referência a partes do livro de Dowling (1981), que aborda a ideia de que os homens são criados com ênfase na importância da auto-suficiência. Em contraste, as mulheres são expostas à afirmação de que, em algum momento da vida, independentemente de suas circunstâncias, serão salvas pelo sexo oposto. Dowling (1981) discute a questão da mulher considerada independente, argumentando que essa alegação é uma fábula, uma vez que a maioria das mulheres não está internamente liberta, devido à constante incidência das crenças sociais em seu subconsciente que reiteram incessantemente a dependência incontestável de uma figura masculina.

Observou-se relatos de mulheres que, em diversas ocasiões, reproduziram discursos teoricamente libertários e revolucionários que, na realidade, eram uma máscara remodelada pelo patriarcado para manter as mulheres dentro de caixas destinadas a serem controladas, muitas vezes sem terem consciência disso. Essa situação evidencia que a socialização das mulheres ocorre de maneira intensa e desonesta, suprimindo qualquer possibilidade de autonomia.

Essa dinâmica permite a análise do discurso presente na fala de muitas pessoas, conforme também identificado nos dados coletados, que afirma que a garota que acredita em príncipe encantado é ingênua, sugerindo que só há vantagem onde há ingenuidade. É crucial destacar que essa crença, presente dentro do *Complexo de Cinderela*, não se limita apenas às garotas consideradas “ingênuas” por alguns com maior grau de instrução. Na verdade, trata-se de uma construção social que exerce influência sobre a vida de todas as mulheres, independentemente de sua suposta ingenuidade.

Síndrome da Impostora

Além da abordagem anteriormente discutida, é relevante destacar que a concepção de que homens foram criados para a liberdade e liderança, enquanto mulheres para a dependência e obediência, permeia diversos contextos e merece atenção crítica. Uma manifestação comum dessa dinâmica é a



maior incidência e intensidade da Síndrome da Impostora entre as mulheres.

A sociedade, de maneira coletiva, inculcou nelas a crença de serem fraudulentas e não merecedoras de sucesso, mesmo quando esse sucesso é comparativamente modesto em relação aos homens. A dúvida constante sobre si e sua competência afeta as mulheres em várias esferas da vida, minando sua autoconfiança e impedindo o reconhecimento de suas habilidades e potencial.

A Síndrome da Impostora, conforme revelado pelos dados da pesquisa, se traduz no sentimento compartilhado por várias mulheres de não serem bem-sucedidas por mérito próprio e na constante apreensão de que, a qualquer momento, sua suposta fraude será descoberta, gerando sentimentos de inadequação em diversas situações. Esta síndrome afeta mais as mulheres do que os homens, em grande parte devido aos estereótipos de gênero, nos quais os homens são incentivados a buscar aventuras, enquanto as mulheres são orientadas a permanecer em situações consideradas seguras, conforme apontado por Reshma Saujani, fundadora do “Girls Who Code”, uma organização internacional sem fins lucrativos (Nór, 2020).

A criação que direciona as mulheres para a dependência e os homens para a independência contribui significativamente para o ceticismo das mulheres em relação a si mesmas. Os dados coletados apresentam exemplos de pensamentos que indicam a presença da síndrome em foco, tais como: “Eu não mereço estar aqui”; “Eu não sou inteligente o suficiente”; “Essa conquista nem é tão significativa”; ou “Eles estão apenas sendo educados”. Esses padrões de autossabotagem são recorrentes em mulheres que questionam constantemente seu mérito e capacidade, reflexo de uma vida em que não foram incentivadas a ultrapassar limites.

Liderança

A análise dos dados revela que mulheres inseridas em ambientes machistas e racistas frequentemente são diagnosticadas com a Síndrome da Impostora. Uma correlação notável ocorre entre a liderança feminina e a incidência dessa síndrome, evidenciando como a estrutura desses ambientes contribui para minar a confiança das mulheres. Essa constatação é respaldada por uma pesquisa conduzida por Isabel Cuadrado, da Universidade da Almería, que entrevistou 195 pessoas, incluindo homens e mulheres. Os resultados indicam que os estereótipos masculinos foram mais lembrados pelos entrevistados quando o tema estava relacionado a características consideradas importantes em uma liderança (Vitorio, 2019). Esse padrão reforça a complexidade e os desafios enfrentados pelas mulheres que buscam papéis de liderança em ambientes permeados por preconceitos de gênero e raça.

É evidente que uma parte significativa da sociedade não se sente confortável com mulheres ocupando posições de destaque, seja como CEO^e ou líder política. Essa percepção foi consistentemente refletida nos dados coletados, com o protagonismo feminino apresentando uma proporção extremamente baixa em comparação ao masculino. Uma dificuldade notável surgiu ao identificar a resistência de homens brancos heterossexuais em aceitar liderança feminina em diversos contextos e Chief Executive Officer (CEO) é aquele que ocupa o mais alto cargo em uma organização.



profissionais, o que reflete uma construção social que sugere a suposta incapacidade das mulheres. Esse cenário é corroborado por um estudo realizado pela Grant Thornton em 2022, que constatou que apenas 38% dos cargos de alto escalão eram ocupados por mulheres (Grant Thornton, 2022).

A discriminação descrita anteriormente é sistemática, gerando insegurança, sentimentos de incompetência e falta de confiança. Esses são resultados diretos da composição da sociedade com papéis de gênero que moldam percepções individuais e coletivas desde a infância. Não surpreende, portanto, que a Organização Mundial da Saúde (OMS) não classifique a Síndrome da Impostora como um transtorno. Afinal, essa síndrome é, na verdade, um sintoma social, uma consequência direta das desigualdades e estereótipos de gênero enraizados na sociedade.

Estereótipos de gênero

Em uma discussão, pedir para uma mulher se acalmar automaticamente deslegitima seus argumentos quando avaliados (Frasca; Leskinen; Warner, 2022). Esse fenômeno não ocorre da mesma maneira com homens, que não carregam o estigma de serem considerados “emocionais”. Os estereótipos que envolvem as mulheres, descredibilizando seus argumentos, impactam diretamente na forma como suas ideias são recebidas, refletindo uma lógica social fundamentada nos papéis de gênero.

Nesse contexto, surge o questionamento sobre o motivo pelo qual mulheres em posições de liderança muitas vezes optam por pedir demissão. Isso ocorre porque persiste a mentalidade de que o trabalho destinado às mulheres é o trabalho doméstico. Assim, mesmo sendo mais qualificadas, as mulheres acabam ocupando posições semelhantes às dos homens medianos, que recebem mais reconhecimento simplesmente por serem do sexo masculino.

Em apoio a observação anterior, dados divulgados pelo IBGE em 4 de março de 2021 indicam que, em 2019, as mulheres receberam apenas 77,7% do salário dos homens. Isso ocorreu mesmo com 25,1% das mulheres na faixa etária entre 25 e 34 anos possuindo conclusão do ensino superior, em comparação com 18,3% dos homens (Guedes, 2021). Essas situações são aparentemente contraditórias, uma vez que, de maneira geral, as mulheres demonstram um maior senso de liderança do que os homens. Essa afirmação é respaldada por um experimento social ocorrido em 2000, que se tornou viral após ser transmitido no documentário “Boys and Girls Alone” (Vieira, 2023). O experimento, realizado em um reality show no Reino Unido, colocou dez meninos e dez meninas em casas separadas, sem a presença de pais ou responsáveis.

Apesar das dificuldades enfrentadas por ambos os grupos, as meninas apresentaram maior nutrição, organização e senso de comunidade, evidenciando as consequências sociais das normas de gênero. Isso reforça a discrepância entre a educação que as meninas recebem, orientadas para a responsabilidade, e a hesitação em conceder a elas posições de poder.



Mercado de trabalho

Destacar o assédio direcionado às mulheres no mercado de trabalho é fundamental, como abordado em várias das publicações coletadas. De acordo com a pesquisa “A mulher na Comunicação - sua força, seus desafios” da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje), 72% das participantes enfrentaram assédio no mercado de trabalho (Ayres, 2022).

A iniquidade de gênero nesse ambiente é evidente, resultado da imposição de papéis de gênero e do assédio, desqualificando as mulheres para o mercado formal e proporcionando uma experiência degradante devido à sua objetificação como indivíduos. A disparidade salarial entre homens e mulheres é outro fator contribuinte para a iniquidade de gênero no mercado de trabalho.

As publicações analisadas afirmam que, na maioria dos casos, as mulheres são condicionadas aos serviços domésticos e, mesmo quando se inserem no mercado de trabalho, enfrentam a necessidade de se esforçar mais para serem reconhecidas igualmente aos homens. Isso ocorre mesmo quando demonstram ser mais capazes, enquanto homens recebem reconhecimento mais amplo, mesmo sendo incompetentes em muitos casos, como também evidenciado nos salários estabelecidos.

Nesse sentido, mulheres negras muitas vezes enfrentam estereótipos duplos, sendo vistas como menos competentes tanto em termos de gênero quanto de raça. Isso impacta negativamente sua progressão na carreira e salários (Akotirene, 2019). Assim, ao abordar a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, é imprescindível reconhecer e combater as disparidades raciais simultaneamente. Essa abordagem mais abrangente contribuirá para uma compreensão mais completa dos desafios enfrentados pelas mulheres, especialmente aquelas que enfrentam discriminação tanto de gênero quanto racial.

Alguns dos dados coletados abordam a perspectiva jurídica da disparidade salarial, mencionando o artigo 461 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e o artigo 7º, inciso XXX da Constituição Federal, que garantem a igualdade salarial para trabalhos de igual valor, sem distinção de sexo (Brasil, 1943; Brasil, 1988). Contudo, na prática, é comum encontrar mulheres desempenhando a mesma função ou apresentando desempenho superior a homens e ainda assim recebendo salários inferiores.

É relevante ressaltar que mesmo se houvesse uma equiparação salarial efetiva, isso seria insuficiente sem uma revisão dos papéis de gênero e das construções sociais relacionadas à feminilidade. As mulheres são culturalmente pressionadas a gastar uma parte significativa de sua renda na indústria da beleza, como com procedimentos estéticos, reforçando a crença de que a felicidade está vinculada ao atendimento de padrões de beleza estabelecidos (Wolf, 1990).

Condutas e expectativas distintas

Além disso, é pertinente destacar que os papéis de gênero são firmemente estabelecidos na sociedade, exercendo uma influência predominante nas problemáticas abordadas. É recorrente observar



que homens e mulheres foram instruídos a adotar condutas distintas em relação a um mesmo ponto focal, como o sexo.

A análise dos posts revela que as expectativas em torno do comportamento sexual são distintas para homens e mulheres, refletindo uma construção social profundamente enraizada. No contexto presente, percebemos que a sociedade perpetua uma dicotomia na abordagem do sexo, incentivando comportamentos diferentes com base no gênero. Os homens são encorajados a adotar uma postura mais liberal em relação à sexualidade, enquanto as mulheres são pressionadas a preservar a virgindade e muitas vezes são julgadas quando desafiam essas normas.

Essas divergências comportamentais entre os sexos não têm base biológica; são, na verdade, construções sociais padronizadas. Quando uma mulher age de maneira contrária ao que lhe foi ensinado, é comum que sofra ataques e ofensas por parte da sociedade. Além dos comportamentos individuais, as mulheres também são pressionadas a alinhar seus objetivos a uma mentalidade coletiva que preconiza que toda mulher deve servir ao matrimônio e cultivar a maternidade, por exemplo.

Dentro dessa construção social, a mulher só se realiza quando aceita seu destino fisiológico e abriga em seu ventre a vida de outro ser (Beauvoir, 2009). Esses objetivos coletivos são produtos da socialização das mulheres, restringindo a concepção de sonhos individuais diante das expectativas coletivas.

No que diz respeito ao recorte racial, vale ressaltar que as mulheres pretas enfrentam essas questões de forma ainda mais complexa quando a interseccionalidade com a raça é considerada. Por exemplo, mulheres negras podem enfrentar desafios adicionais devido à interação entre sexismo e racismo, ou que aprofundem as disparidades e ampliem as injustiças sistêmicas.

Estereótipos que hipersexualizam mulheres negras, por exemplo, podem levá-las a serem objetificadas e tratadas de maneira desrespeitosa, impactando sua dignidade, segurança, bem como na construção da sua subjetividade e concepções de vida. Uma análise mais aprofundada dessas questões pode ser encontrada em obras como “Olhos D’Água” de Conceição Evaristo e “A Invisibilidade da Mulher Negra” de Lélia Gonzalez.

Dependência emocional

Explorando uma perspectiva adicional sobre as ramificações do *Complexo de Cinderela*, é possível observar seu impacto na dependência emocional em relação ao gênero masculino. Conforme identificado em uma porção dos resultados obtidos, percebe-se que algumas mulheres internalizam a ideia de que a ausência de um parceiro as coloca em um estado de solidão. Isso reflete uma cultura que enaltece a presença e a suposta necessidade de homens, resultando em mulheres que inconscientemente anseiam por relacionamentos, muitas vezes se colocando em situações propensas a abusos.

A vinculação da validação da existência de uma mulher a um relacionamento amoroso heteronormativo, sob a promessa de segurança emocional e física, revela-se como uma abordagem pro-



blemática. Atrelar a felicidade a um parceiro ideal, especialmente considerando as criações contraditórias que muitas vezes são apresentadas, é uma prática delicada e frequentemente conduz a visões limitadas sobre o eu.

Esse fenômeno impacta diretamente na autoestima, na independência, na percepção de perigo, na autossuficiência e no instinto de sobrevivência das mulheres, culminando em uma série de desafios psicológicos e emocionais. Essa busca incessante por validação externa pode, paradoxalmente, minar a força interna das mulheres e restringir seu potencial de crescimento e autorrealização.

As análises destacam que, em um contexto de dependência emocional, as mulheres sofrem impactos negativos em sua autoestima e autodeterminação. Nessa dinâmica, a formação da identidade feminina fica intrinsecamente ligada a outros, tornando as mulheres vítimas dessa dependência e, conseqüentemente, privando-as da capacidade de agir de forma autônoma.

Diante dessa condição, elas enfrentam dificuldades para tomar decisões independentes e assumir responsabilidades por suas ações, uma vez que toda a construção de sua subjetividade está centrada na existência de outra pessoa. Essa realidade evidencia como a dependência emocional pode minar a autonomia e a autoeficácia das mulheres, perpetuando um ciclo prejudicial para o desenvolvimento pessoal e o exercício pleno de suas potencialidades.

Relacionamentos abusivos

A observação dos resultados destaca uma crítica contundente em relação à concepção do relacionamento ideal, muitas vezes embasada nos contos de fadas. As postagens questionam a perfeição atribuída aos contos de fadas, especialmente no contexto dos relacionamentos amorosos, ressaltando que, na prática, essas narrativas podem ser extremamente problemáticas.

Os contos de fadas são desafiados quanto à sua representação da vida digna das mulheres, revelando-se como uma influência prejudicial que, na realidade, pode levar à necessidade de intervenção psicológica. Essa crítica aponta para a incongruência entre a idealização dos contos de fadas e as complexidades da vida real, enfatizando que desde cedo, as mulheres são incentivadas a uma dependência doentia (Pereira, 2014)

Os desdobramentos do *Complexo de Cinderela* na vida das mulheres frequentemente as colocam em situações de violência, especialmente no âmbito amoroso e afetivo. É relevante sublinhar que os estereótipos tradicionais sobre mulheres em relacionamentos abusivos são inadequados, pois mulheres independentes e empoderadas também podem vivenciar essas situações. Isso evidencia que o fenômeno não está intrinsecamente ligado às características individuais das mulheres, mas sim à estrutura social que as coloca nesses contextos. Um exemplo recente desse cenário foi observado no programa Big Brother Brasil 2023, que quebrou expectativas sobre o estereótipo da vítima e destacou as complexidades de um relacionamento abusivo, indo além da violência física.

A compreensão equivocada de que uma relação abusiva se limita à violência física é desmis-



tificada, conforme discutido anteriormente, uma vez que diversas formas de violência, como a emocional, também estão presentes nesse contexto. Dentro de uma relação abusiva, é comum a vítima desenvolver uma dependência emocional em relação ao agressor (Barreto, 2018), essa dependência intensifica a gravidade da situação, uma vez que a vítima pode naturalizar comportamentos prejudiciais, dificultando o reconhecimento da seriedade das circunstâncias em que se encontra.

Na dinâmica da dependência emocional, é comum que as pessoas julguem a vítima por se encontrar nessas situações, ignorando que muitas vezes ela mal tem consciência do que está vivenciando e não permanece ali por escolha própria. Além disso, ao longo da pesquisa, diversas mulheres que passaram por relações abusivas compartilham em redes sociais as dificuldades enfrentadas para sair dessas situações, evidenciando que, para quem observa a relação de fora, a percepção da gravidade é consideravelmente mais fácil. Esse fenômeno destaca a complexidade da dependência emocional e como ela pode obscurecer a capacidade da vítima de reconhecer a nocividade da relação em que está inserida.

Dependência financeira

Para além da dependência emocional, o relacionamento abusivo frequentemente interfere em diversas áreas da vida das mulheres, incluindo o âmbito profissional. As publicações analisadas destacam como essas interferências se manifestam, evidenciando que, em função do abuso, a permanência no emprego é comprometida. As mulheres submetidas a situações abusivas enfrentam estresse diário, direcionando grande parte de sua energia para lidar com episódios desgastantes de abuso. Isso resulta em recorrentes atrasos ou faltas no trabalho, assim como na queda do desempenho e da produtividade, afetando a satisfação do empregador.

Essa interferência pode resultar no que se conhece como dependência financeira, manifestada no contexto da violência patrimonial. Essa forma de violência se apresenta, por exemplo, na retenção do salário da vítima e na destruição de objetos pessoais e de trabalho, frequentemente acompanhadas de violência psicológica. Embora as formas de coerção associadas à violência patrimonial sejam legalmente reconhecidas como violência pela lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Brasil, 2006), muitas vezes não são identificadas como tal pelas vítimas.

Outro aspecto que contribui para a dependência financeira é a persistência da atribuição das mulheres às atividades domésticas, que, apesar de desempenharem um papel crucial, não são devidamente valorizadas. Em situações em que os homens trabalham fora e as mulheres cuidam da casa e dos filhos, é evidente que o homem só pode desempenhar sua função porque a mulher está constantemente realizando o trabalho não remunerado em casa. Embora essa dinâmica seja clara, o trabalho doméstico ainda não é plenamente reconhecido, o que permite que os homens se apropriem do dinheiro como se fosse exclusivamente “ganho por eles”.



O mito da “Mulher de malandro”

É crucial lembrar que mulheres não permanecem em relações afetivas violentas por escolha própria, mas sim devido a contextos desumanos que as impossibilitam de denunciar seus agressores. A dependência emocional e financeira, por exemplo, figuram como fatores determinantes. Mulheres muitas vezes permanecem em situações de violência devido à socialização, à falta de recursos e a estratégias abusivas. Homens abusivos empregam discursos e comportamentos manipuladores que garantem a imutabilidade da vítima naquela situação (Saunders, 2018).

É recorrente que as estratégias de abuso compartilhem semelhanças entre diferentes relações abusivas, uma vez que os agressores tendem a reproduzir medidas de controle que impedem a vítima de buscar o apoio necessário para sair dessas situações. Por exemplo, afastar a vítima de sua família e amigos visa inviabilizar sua rede de apoio.

Nesse contexto, é comum observar a concessão de perdão por parte da vítima, pois as mulheres são ensinadas desde cedo a serem pacientes, maleáveis e compreensivas. Além disso, são incutidas com a ideia de que os homens amadurecem mais lentamente, necessitando, portanto, de segundas chances.

Em entrevista para *Universa/UOL*, a coordenadora do Grupo de Estudo da Infância (GEIN), Jane Felipe, destaca que as mulheres são vítimas de uma construção social que encurta o tempo de infância e estabelece a valorização da imagem jovem erotizada como sinônimo de amadurecimento (Carasco, 2017). Isso explica a crença social de que as mulheres amadurecem mais rápido que os homens, quando, na realidade, são objetificadas cada vez mais cedo. Em geral, as mulheres não contestam essas concepções coletivas porque são constantemente levadas a questionar suas próprias decisões e negar suas individualidades, sendo coagidas a ponto de não conseguirem quebrar o ciclo de violência.

Meninas são ensinadas a não reagir, a perdoar e a aceitar em diversas situações, o que dificulta suas reações e raramente as liberta de situações abusivas. Essa aprendizagem faz parte de uma estrutura mais ampla que busca mantê-las presas em um ciclo de submissão a situações, agressores, estruturas estatais, afetos traumáticos, entre outros. Esse cenário contribui para o aumento contínuo de mulheres colocadas em situação de “posse” por terceiros, seja em nome do amor, da proteção ou de outras justificativas.

Esse processo sistemático que retira o direito sobre si em relação às mulheres é evidente ao longo da história. Mulheres não foram reconhecidas como indivíduos por um período significativo (Barreto, 2015). O direito ao voto, por exemplo, foi uma conquista tardia e só foi garantido com a promulgação da Constituição de 1934. Esse evento legislativo representou um marco crucial na busca pela igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Contudo, é imperativo destacar que a luta pela equidade de gênero persiste em diversas esferas da sociedade, exigindo uma contínua conscientização e ação para promover mudanças substanciais.



Saúde mental

Compreender a influência dos contos de fada, especialmente o de Cinderela, na construção dos sujeitos como indivíduos sociais é crucial para orientar a atuação no contexto da saúde das mulheres. Essa influência resulta em consequências para a saúde que vão além dos traumas físicos evidentes, associando-se a perturbações no âmbito da saúde mental e no bem-estar social das mulheres, o que caracteriza uma quebra da saúde plena.

A frustração é um estímulo poderoso para impulsos destrutivos, e pessoas com quadros depressivos tendem a ter pensamentos relacionados à morte, além de sentimentos de baixa autoestima e autodepreciação (Esteves; Galvan, 2006). Nessa perspectiva, é evidente que a frustração gerada pelo *Complexo de Cinderela* nas mulheres pode levar a episódios nos quais o sentido da existência se perde.

As condições a que as mulheres estão sujeitas no ambiente de trabalho também impactam sua saúde (Unicorp Saúde e Segurança do Trabalho, 2023). Abusos físicos e verbais, caracterizados como assédio, bem como a desvalorização do trabalho, podem desencadear problemas como estresse, ansiedade e depressão. Isso ocorre porque as mulheres enfrentam uma maior pressão no ambiente de trabalho, juntamente com um esforço ampliado em comparação aos homens, buscando reconhecimento e destaque de maneira equitativa.

Saúde é um direito

Diante disso, é possível afirmar que o *Complexo de Cinderela*, juntamente com suas consequências na vida das mulheres, exerce uma forte influência na condição de saúde dessas. Isso ocorre porque provoca danos significativos em diversos aspectos, como a autoimagem, a participação no mercado de trabalho, o envolvimento em relacionamentos problemáticos devido a fenômenos derivados da inércia involuntária, a subalternização em relação ao outro e a objetificação enquanto indivíduo social.

Por fim, é importante ressaltar que o *Complexo de Cinderela* e sua influência na vida das mulheres representam um problema de saúde pública. Essa questão impacta o bem-estar físico, mental e social dessa parcela da população, destacando a importância de abordar esse tema, uma vez que, a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido pela Constituição Federal de 1988 e certificado mediante políticas sociais e econômicas para sua promoção, proteção e recuperação (Brasil, 1988).

CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo, destaca-se a importância de abordar uma problemática que impacta a saúde da população, especialmente ao considerar a perspectiva dos sujeitos envolvidos. Analisar a influência do *Complexo de Cinderela* diretamente das experiências das mulheres revela-se crucial,



proporcionando não apenas uma compreensão mais profunda da sequência de eventos que culminam no adoecimento desse grupo específico, mas também estimulando a participação social nesse processo identificativo.

Em síntese, a pesquisa permite concluir que o *Complexo de Cinderela* exerce uma influência significativa na saúde das mulheres. Esta influência se manifesta nas características coletivas resultantes das construções sociais presentes nos contos de fadas, perpetuando situações de violência e desumanidade. Além disso, o *Complexo* contribui para desigualdades de gênero, refletidas em disparidades salariais, síndrome da impostora, objetificação do indivíduo feminino em prol dos desejos do sexo oposto e outras adversidades que impactam negativamente a existência dessas mulheres.

Assim, evidencia-se que o *Complexo de Cinderela* permeia todas as esferas da vida feminina, levando as mulheres a desenvolverem comportamentos prejudiciais à sua saúde e muitas vezes sujeitas a danos externos. Diante desse panorama, ressalta-se a relevância de abordar essa temática para promover a saúde das mulheres.

O impacto do *Complexo* na saúde dessas mulheres não apenas constitui um problema de saúde pública, mas também demanda a formulação e implementação de estratégias preventivas e promocionais por parte dos entes e indivíduos envolvidos no sistema de saúde. Isso também inclui a necessidade de dismantelar concepções coletivas arraigadas sobre desigualdade de gênero e outras construções sociais, estabelecendo os alicerces para mudanças substanciais e aprimorando a saúde global das mulheres, tornando-se imperativo que a educação em saúde inclua aprendizados sobre as questões de gênero, relacionadas a interseccionalidade, e outras construções sociais, visando ajustes essenciais nas concepções coletivas.

Em síntese, a análise dos dados desta pesquisa revela a abrangência e profundidade da influência do *Complexo de Cinderela* na saúde das mulheres. As construções sociais advindas de contos de fadas perpetuam padrões que condenam e mantêm as mulheres em situações de violência, desencadeiam desigualdades salariais, as objetificam, dentre outras consequências que seguem contribuindo para uma série de adversidades que afetam a saúde física, mental e social desse grupo populacional.

Ao compreendermos o *Complexo* como um fenômeno que permeia todas as esferas da vida da mulher, torna-se evidente a necessidade de abordagens abrangentes na promoção da saúde. Este não é apenas um desafio individual, mas um problema complexo de saúde pública que requer intervenções sistêmicas.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE; Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polém, 2019.

ALVES, Silvana; ZANDONADI, Antônio. *A mulher moderna e o complexo de Cinderela*. Revista FAROL, Rolim de Moura, v. 3, n. 3, p. 126-141, mar. 2017. Disponível em: <https://revista.farol.edu.br/index.php/farol/article/viewFile/45/66>. Acesso em: 16 jan. 2023.



ANTONOVSKY, Aaron. *Unraveling the mystery of health*. 1. ed. [S. l.]: Jossey-Bass, 1987.

AYRES, Aurora. *A mulher na comunicação, sua força, seus desafios*: veja resultados da pesquisa e debate sobre carreira com executivos. São Paulo: ABERJE, 2022. Disponível em: <https://www.aberje.com.br/mulher-na-comunicacao-sua-forca-seus-desafios-veja-resultados-pesquisa-debate-sobre-carreira-executivas/>. Acesso em: 5 fev. 2023.

BARRETO, Ana. *A igualdade entre homens e mulheres no ordenamento jurídico brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 2015. Disponível em: https://anadep.org.br/wtksite/cms/conteudo/9875/IGUALDADE_20ENTRE_20HOMENS_20E_20MULHERES_20NO_20ORDENAMENTO_20_20_20_20_20JURIDICO_20BRASILEIRO_1_.pdf. Acesso em: 16 jan. 2023.

BARRETO, Raquel. Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. *Revista Gênero*, Niterói, v. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/31312/18401/106587>. Acesso em: 28 jan. 2023.

BEAUVOIR, Simone (1949). *O segundo sexo*: fatos e mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENETON, Kelly. Os contos de fadas e a formação do ser humano. *Revista Acadêmica Interinstitucional da FALS, FPG e FPS: Periódico de Divulgação Científica da FALS*, [s. l.], v. 7, n. 16, 2013. Disponível em: https://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/ARTIGO%205_XVI.pdf. Acesso em: 28 jan. 2023.

BOURDIEU, Pierre. As formas de capital. In: RICHARDSON, J. G. (ed.). *Manual de teoria e pesquisa para a sociologia da educação*. [S. l.]: Madeira Verde, 1986. p. 241-258.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 26 jan. 2023.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943*. Aprova a consolidação das leis do trabalho. Brasília, DF: Presidência da República, 1943. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 26 jan. 2023.

BRASIL. *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 28 fev. 2023.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. *Eleições*. Brasília, DF: TSE, 2023. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/#/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

CARASCO, Daniela. O que está por trás da história de que menina amadurece mais cedo? In: *Universa Uol*, São Paulo, 10 nov. 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2017/11/10/o-que-esta-por-tras-da-historia-de-que-menina-amadurece-mais-cedo.htm>. Acesso em: 6 fev. 2023.



DOWLING, Colette. *Complexo de Cinderela*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2022.

ENGEL, George. *The need for a new medical model: a challenge for biomedicine*. Science, New York, v. 196, n. 4286, p. 129-136, 1977. DOI: 10.1126/science.847460. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/847460/>. Acesso em: 2 fev. 2023.

ESCORSIM, Silvana. Violência de gênero e saúde coletiva: um debate necessário. Revista *Katálysis*, Santa Catarina, v. 17, n. 2, p. 235-241, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802014000200009>. Acesso em: 4 jun. 2022.

ESTEVES, Fernanda Cavalcante; GALVAN, Alda Luiza. Depressão numa contextualização contemporânea. *Aletheia*, Canoas, n. 24, p. 127-135, dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 jan. 2023.

FRASCA, Teresa; LESKINEN, Emily; WARNER, Leah. Palavras como armas: rotular as mulheres como emocionais durante um desentendimento afetou a percebida de seus argumentos. *Psychology of Women Quarterly*, New York, v. 46, n. 4, p. 420-437, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/03616843221123745>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/03616843221123745>. Acesso em: 2 fev. 2023.

FREIRE, Gilson; SALGADO, Mauro. *Saúde e espiritualidade: uma nova visão da medicina*. [S. l.]: Inede, 2015. V. 2.

GRANT THORNTON. *Mulheres ocupam 38% dos cargos de liderança no Brasil, revela pesquisa da Grant Thornton*. In: Grant Thornton. São Paulo, 7 mar. 2022. Disponível em: <https://www.grant-thornton.com.br/sala-de-imprensa/women-in-business-2022/>. Acesso em: 18 set. 2022.

GUEDES, Mylena. Mulheres ganham 77,7% do salário dos homens no Brasil, diz IBGE. In: *CNN Brasil*. São Paulo, 4 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/mulheres-ganham-77-7-dos-salarios-dos-homens-no-brasil-diz-ibge/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. 9. ed. [S. l.]: Rosa dos Tempos, 2019.

JADE, Lília. *Dia Internacional da Mulher: 8 motivos para ser feminista*. [S. l.]: Empresa Brasil de Comunicação, 8 mar. 2016. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2016/03/dia-internacional-da-mulher-oito-motivos-para-ser-feminista>. Acesso em: 1 jul. 2022.

MENEZES, Pedro. *Tipos de violência*. 2022. Disponível em: <https://www.diferenca.com/tipos-de-violencia/>. Acesso em: 29 jan. 2023.

NÓR, Bárbara. Mulheres precisam de mais coragem e menos perfeição no mercado de trabalho. In: *Você S/A*, São Paulo, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://vocesa.abril.com.br/geral/mulheres-precisam-de-mais-coragem-e-menos-perfeicao-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 2 fev. 2023.



PEREIRA, Silvana. *Cinderela: a mulher contemporânea*. 2014. (Trabalho de conclusão de curso) – Graduação em Psicologia. Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, Ariquemes, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unifaema.edu.br/handle/123456789/574>. Acesso em: 2 fev. 2023.

PIMENTA, Scyla. Reflexões sobre corporeidade e padrões de beleza a partir de Merleau-Ponty. *Revista de História*, Salvador, v. 4, n. 2, p. 133-145, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rhufba/article/view/28208>. Acesso em: 5 out. 2022.

SAUNDERS, Daniel. Abusive relationships: why it's so hard for women to 'just leave'. In: *The Conversation*, 2018. Disponível em: <https://theconversation.com/abusive-relationships-why-its-so-hard-for-women-to-just-leave-93449>. Acesso em: 5 fev. 2023.

SILVA, Adriana; TRENHAGO, Janinha. Mulheres com medo de dirigir: um olhar além das aparências. In: *Psicologia.pt. O portal dos psicólogos*. Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0371.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2023.

UNICORP SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO. *Como o trabalho afeta a saúde da mulher?* Jundiaí, 2023. Disponível em: <https://unicorpjundiai.com.br/como-o-trabalho-afeta-a-saude-da-mulher>. Acesso em: 9 fev. 2023.

VIEIRA, Nathan. Experimento deixa 20 crianças sozinhas em casa por 5 dias; veja o resultado. In: *Terra*. São Paulo, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/experimento-deixa-20-criancas-sozinhas-em-casa-por-5-dias-veja-o-resultado,921df6b1eb32735730344ec240819bfardz0s0h0.html>. Acesso em: 2 fev 2023.

VITORIO, Tamires. Por que as mulheres tendem a ser mais inseguras do que homens no trabalho. In: *Você S/A*. São Paulo, 19 dez. 2019. Disponível em: <https://vocesa.abril.com.br/geral/por-que-as-mulheres-tendem-a-ser-mais-inseguras-do-que-homens-no-trabalho>. Acesso em: 2 fev. 2023.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. [S. l.]: Rosa dos Tempos, 2018.

XAVIER, Manuela. *5 sinais que você sofre do Complexo de Cinderela*. 6 jul. 2022. Instagram: @manuelaxavier. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfmYaaSu8L6/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 6 jul. 2022.

ZIRBEL, Ilze. Uma genealogia da dependência e suas implicações para o feminismo e a política. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 15., 2016, Curitiba. *100 anos da guerra contestado. Historiografia, acervos e fontes*. Curitiba: [s. n.], 2016. Disponível em: http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468193190_ARQUIVO_artigogenealogiadadependencia.Curitiba2016.pdf. Acesso em: 12 fev. 2023.



Editor responsável: Daniel Demétrio Faustino da Silva

Recebido em 06 de junho de 2023.

Aceito em 29 de novembro de 2023.

Publicado em 26 de dezembro de 2023.

Como referenciar este artigo (ABNT):

FERRAZ, Layne Martins. Construções sociais e saúde das mulheres: O poder do Complexo de Cinderela. *Cadernos de Ensino e Pesquisa em Saúde*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 57-78, 2023.

